

LAUREN
BLAKELY

Pacote
COMPLETO

Ele tem um presente para você.
E o pacote é especial.

Tradução
LEONARDO CASTILHONE

 FARO
EDITORIAL



PACOTE COMPLETO



Prólogo

DIGAMOS, A TÍTULO DE ARGUMENTAÇÃO, QUE ESTEJA considerando morar com uma mulher com quem adoraria trepar.

Afinal de contas, nos dias de hoje, achar um apartamento para alugar é ainda mais difícil do que encontrar o amor verdadeiro. Sendo assim, mesmo que tivesse que dividir o espaço com a garota que sempre achou absurdamente gostosa, você não hesitaria, certo?

Olha, eu sei o que você deve estar pensando.

Isso só pode terminar em encrenca. Não assine esse contrato de aluguel. Siga seu caminho, vá para qualquer outro lado e não olhe para trás.

Mas ela é só uma amiga, eu juro. E vamos combinar: estamos falando de Nova York. Você tem noção de como é caro o aluguel por aqui? Ter alguém para rachar os gastos é sempre a melhor opção, certo? Qual é! Você também dividiria. Além de tudo, ainda podemos dividir as tarefas da casa, mesmo que isso signifique também assinar um contrato de conselheiro para todos os encontros on-line que ela possa vir a arranjar.

E, vamos combinar, eu posso fazer isso numa boa. É supertranquilo aconselhá-la sobre os caras que estão no mercado. Tudo o que eu faço é apontar para a foto do perfil deles e dizer: “Esse é um babaca, esse é um idiota e esse é um trouxa”.

Porque a verdade é que nenhum desses palhaços é digno dela.

Tenho certeza de que você também teria assinado esse contrato de aluguel mesmo que tivesse que suportar a doce tortura de ver essa beldade

caminhando pelo corredor todas as manhãs, tendo acabado de sair do chuveiro, só com uma toalhinha enrolada no corpo.

É moleza!

Mesmo quando ela grita do quarto: “Ei, Chase, pegue para mim meu creme hidratante, por favor?”.

Mamão com açúcar! Tudo bem, talvez eu tenha vacilado um pouco quando ela de fato me pediu isso. E admito que a situação ficou ainda mais difícil — tipo, quase impossível — quando a toalha escorregou e eu pude dar uma olhadinha rápida naquele corpo perfeito antes que ela se cobrisse novamente.

No entanto, ainda assim acho que sou capaz de lidar com isso, sem problema algum.

E você quer saber por quê?

Eu já fiz isso por anos. Esse é o meu talento secreto.

Entenda o seguinte, todo mundo tem uma habilidade única. É possível que você consiga lamber o próprio cotovelo, enfiar o punho inteiro na boca (não tentem isso em casa, crianças) ou fazer seus olhos se mexerem em direções opostas ao mesmo tempo. São todos truques bem impressionantes, com certeza.

Mas você quer saber qual é o meu? Minha maior habilidade costuma me salvar de uma situação diária que, certamente, induziria muitos homens a ereções matinais visíveis através da calça (e que durariam o dia inteiro).

Eis o meu dom especial: eu sou o rei da compartimentalização. Ou seja, eu nasci com gavetas diferentes para cada aspecto da vida. Desejos e ações. Luxúria e sentimentos. Amor e sexo. Um vai aqui, o outro ali. Tudo muito bem separadinho e sem chances de se encontrar.

E foi exatamente por saber que tenho esse dom que, quando uma das minhas melhores amigas veio até mim com a solução que poderia resolver um problema enorme para nós dois, não vi como isso poderia acabar dando errado.

Só o que tenho de fazer é manter minhas mãos longe dela, controlar meus pensamentos indecentes e olhar para o outro lado da próxima vez que ela estiver sem roupa.

É só ela ficar longe de mim, cacete.

Eu vou conseguir. É claro que eu vou conseguir.

Quando se é o mestre da resistência, nada é capaz de afetar seu autocontrole. Nem mesmo coabitar um espaço de 55m² com a mulher que você deseja há anos.

Bom, eu sempre acreditei nisso...

Até a noite em que acordei e a vi deitada, encolhida ao meu lado, embaixo das cobertas.



Capítulo 1

EU TENHO UMA TEORIA DE QUE O CÉREBRO HUMANO PRECISA ouvir pelo menos três vezes uma informação para poder processá-la por completo. Mas isso somente se ela estiver de acordo com o que a pessoa quer ouvir.

Por exemplo, agora mesmo, estou na terceira tentativa.

Embora eu possa ouvir claramente as palavras ditas pela mulher do outro lado da linha, tenho certeza de que, se eu as repetir insistentemente na forma de uma pergunta, a senhora, uma hora ou outra, responderá o que eu quero ouvir.

— Eu perdi o apartamento? — tentei de novo, porque em breve a notícia ruim iria se transformar magicamente em uma notícia boa. Como se um prato de salada pudesse se transformar, de repente, em uma pizza ou em uma enorme fatia de bolo de chocolate.

Eu simplesmente não queria acreditar que a corretora de imóveis estava me dizendo uma coisa dessas.

— O proprietário mudou de ideia — disse ela, mais uma vez, e então eu vi o maravilhoso apartamento de um quarto em Chelsea escapando por entre meus dedos.

Travei os dentes, respirei fundo e saí batendo os pés pela sala de emergência do hospital. Em frente à entrada, a calçada estava cheia de gente, havia outros médicos, enfermeiras, paramédicos, além de pacientes e seus

acompanhantes. Afastei-me de todos eles, caminhando rumo ao muro do hospital para uma rápida pausa.

— Que saco! Esse é o quinto lugar que dá errado — eu disse, esforçando-me ao máximo para manter o tom de voz inalterado. Eu não costumo perder o controle e nem sentir raiva. Mas essa busca estava me tirando do sério. Dante estava errado. O décimo círculo do inferno, na realidade, é encontrar um apartamento em Nova York. O décimo primeiro, o décimo segundo e o décimo terceiro também.

Veja só como anda a minha sorte nessa missão impossível até agora: na primeira tentativa, o apartamento foi para o saco quando o proprietário mudou de ideia e resolveu que não queria mais alugá-lo; na segunda, o lugar acabou sendo alugado para alguém da família do dono; na terceira, a inspeção descobriu que o apartamento estava tomado por cupins. Entendeu meu drama?

— O mercado anda ruim hoje em dia — disse Erica, a corretora de imóveis.

Também não posso ser injusto. Ela tem se esforçado bastante para encontrar quatro paredes e um chão para mim há mais de um mês. — Vou voltar a pesquisar opções disponíveis.

— Obrigado. O prazo do lugar que estou sublocando já acabou, então muito em breve vou me tornar um sem-teto.

Dei meia-volta e retornei à entrada do hospital. Comprar um apartamento não era uma opção. Ainda não terminei de pagar o financiamento da minha faculdade de medicina, e os médicos de hoje em dia não ganham tanto quanto antes, principalmente médicos recém-formados como eu.

Ela riu.

— Duvido que você vá ficar sem-teto. Entretanto, eu já disse que o sofá da minha casa está disponível para você. Aliás, a cama também, se é que me entende.

Arregalei os olhos. Eu entendi muito bem o que ela queria dizer. Só não esperava receber uma proposta como aquela da minha corretora de imóveis, às duas da tarde de uma quarta-feira. Ou mesmo de uma quinta-feira. Ou sexta-feira. Basicamente, eu não esperava aquilo em momento nenhum.

— Obrigado pela oferta. — Contive minha surpresa, porque pensei que ela fosse casada. E não imaginei um casamento qualquer, mas aqueles em que o casal é feliz.

— Qualquer coisa é só me avisar, Chase. Eu faço um ótimo ceviche, sou incrivelmente organizada e não cobraria nem um centavo de você.

Poderíamos pensar em alguma outra forma de pagamento — disse ela, quase sussurrando.

E agora era oficial: minha corretora de imóveis havia solicitado que eu fosse o brinquedinho sexual dela. Puta merda. É hora de deixar a barba crescer. Eu sei que pareço jovem para minha profissão, mas será que tão jovem a ponto de ser convidado para ser um gigolô? Virei de frente para a janela de vidro do hospital e avaliei meu rosto. Barba bem-feita, olho e cabelo castanhos-claros, mandíbula marcada... Realmente, eu não sou de se jogar fora. Não é de se admirar o fato de ela ter me feito uma proposta dessas. Talvez eu devesse levá-la mais a sério.

Apesar de eu ter zero interesse em servir alguém como escravo sexual, a oferta dela não deixa de ser tentadora, pois estou chegando ao fim da linha. Eu vasculhei os classificados e todos os lugares possíveis, e cada dia que passa eu acredito mais na hipótese de ter que vender um rim para conseguir um apartamento.

Sabe aqueles seriados da tv em que a assistente de uma agência de publicidade, toda espevitada, consegue um baita apartamento, com um caneteiro de flores, paredes roxas perfeitas e um cantinho de leitura bem em Upper West Side? Ou quando o cara que acabou de sair das fraldas, com um emprego básico numa revista, adquire um *loft* superlucioso em Tribeca?

É tudo mentira.

A essa altura, eu daria meu baço só por um espacinho pra dormir embaixo de uma escada. Espere, eu retiro o que disse. Eu gosto do meu baço. Para eu abrir mão de um órgão, teria que ser um pouquinho maior, mesmo que eu tecnicamente possa viver sem ele.

— Que tal? Você acha uma boa ideia? — perguntou Erica, com o que, sem dúvida, era a voz mais sexy que ela conseguia fazer. — O Bob disse que, por ele, não tem problema você ficar aqui.

Eu franzi a testa.

— Bob? — perguntei. E no instante seguinte me arrependi de ter aberto a boca, porque tive um pressentimento de que Bob podia ser o vibrador dela, e então eu teria caído na armadilha.

— Bob, meu marido — disse ela como se nada estivesse acontecendo. E, de repente, eu preferi que estivéssemos falando apenas de um brinquedinho sexual.

— É muito generoso da parte dele — eu respondi, sem demonstrar emoção. — Mas, por favor, diga ao Bob que, embora eu aprecie sua generosidade, eu consigo me virar por aqui.

Desliguei o telefone e voltei para dentro do hospital; minha pausa havia acabado. Sandy, a enfermeira-chefe de cabelo cacheado, veio andando até mim com um olhar sério, inclinando a cabeça na direção da sala de exame mais próxima. Mas a forma com que os olhos dela cintilaram fez eu entender que a situação do meu paciente não era das piores.

— Sala dois. Corpo estranho introduzido na testa — disse ela. Essa era minha deixa para parar de pensar em valores de metros quadrados e casamentos pouco convencionais.

Assim que entrei no consultório, dei de cara com um cara loiro e robusto, vestido de Aquaman, sentado na beirada da maca.

— Olá! Eu sou o doutor Summers. Roupa bacana essa aí. — Dei um sorriso discreto. Isso sempre ajuda a dar uma descontraída. Além do mais, se reagisse mal ao estilhaço de vidro de dez centímetros que estava cravado na testa do Aquaman, eu podia dar adeus à minha licença profissional.

Ele sorriu para mim com certo arrependimento ao mesmo tempo em que olhava para a própria indumentária. A roupa de poliéster estava rasgada no braço direito e toda retalhada ao longo da coxa.

— Parece que sua manhã foi animada — eu disse, olhando para o pedaço de vidro em sua pele. — Deixe-me adivinhar. Sua testa teve uma relação íntima com um lustre?

Ele concordou com um olhar culpado; o tipo de olhar que me dizia que ele não estava tentando voar.

— E posso arriscar um outro palpite. — Eu levantei meu queixo. — Você estava tentando apimentar um pouco sua vida sexual e, para isso, teve a brilhante ideia de se pendurar no lustre.

O rapaz engoliu em seco, deu outro aceno tímido com a cabeça e, em seguida, soltou um trêmulo *sim*.

— Você consegue tirar esse negócio? — perguntou ele.

— Foi isso o que ela disse? — eu perguntei, fazendo-o rir, e dei um tapinha em seu ombro. — Não pude resistir. Mas a resposta é sim, eu consigo tirar. E a cicatriz vai ficar bem pequena. Eu sou ótimo em dar pontos.

Ele respirou fundo e eu comecei a trabalhar, anestesiando a testa dele antes de remover o vidro. Conversamos durante o processo, batendo papo

sobre o gosto dele por super-heróis, e depois mencionei a dificuldade que estava passando para encontrar um apartamento.

— Manhattan é uma loucura — disse ele. — Está tudo o olho da cara, até mesmo os imóveis comerciais. — Então ele acrescentou, meio cabisbaixo: — Embora eu não possa reclamar muito disso, já que esse é o meu ganha-pão.

— Um homem esperto. O metro quadrado nessa cidade é como uma joia rara — eu disse, finalizando os pontos.

Vinte minutos depois, com a testa do paciente já costurada, uma enfermeira voltou com o estilhaço num saco plástico. Ela o entregou a mim e eu o repassei ao verdadeiro dono.

— Fique com essa lembrança da visita de hoje ao pronto-socorro — eu disse ao rapaz, e ele pegou o pedaço de vidro.

— Obrigado, doutor. E o pior é que nem chegamos aos finalmentes.

— Por isso que essas histórias não passam de ficção. Não dá para fazer muita coisa pendurado em um lustre. Da próxima vez que você for acometido pelo espírito aventureiro, faça um belo jantar e depois use a mesa para a sobremesa, certo? Mas certifique-se antes de que a superfície é de madeira lisa e de boa qualidade, porque não quero te ver aqui de novo com uma farpa gigante no glúteo. E vai ser difícil arrumar uma boa história pra justificar a cicatriz.

Com uma expressão séria, ele fez que sim com a cabeça.

— Prometo que isso não vai se repetir. Chega de acrobacias.

— Mas parabéns por ter uma mulher que goste tanto assim de você — eu disse quando ele já estava saindo da sala.

Ele inclinou a cabeça de volta, sem entender direito.

— Como você sabe que ela gosta de mim?

Acenei para a fileira de cadeiras na sala de espera, no fim do corredor. Uma mulher de cabelo preto, usando uma fantasia verde-esmeralda que destacava ainda mais seus peitos enormes, mordiscava o lábio e olhava desesperada para o relógio. Quando ela levantou o rosto, os olhos até brilharam ao ver o Aquaman.

— Imagino que foi a sereia ali que o trouxe, certo? E esperou por você todo esse tempo?

— Foi, sim — disse o Aquaman, com um sorriso sem graça ao olhar para sua mulher.

— Essa noite, cama. Use a cama, cara — eu disse baixinho em seu ouvido.

Ele fez um sinal de positivo com o polegar enquanto se afastava.

E esse foi o capítulo de hoje das façanhas sexuais que levam pacientes ao PS. Ontem foi um zíper que deu problema. Semana passada tive de tratar uma fratura causada durante uma cambalhota. Pois é... nem queira saber o que foi fraturado.

* * *

MAIS TARDE, NO FINAL DO MEU TURNO, FUI AO VESTIÁRIO e troquei de roupa. Arrumei o cabelo com os dedos, peguei os óculos escuros e deixei o trabalho para trás. No exato segundo em que as portas automáticas do Mercy Hospital se fecharam atrás de mim, desliguei o modo médico do meu cérebro. Coloquei os fones de ouvido e aumentei o volume do audiolivro que eu vinha escutando ultimamente. Era sobre a teoria do caos, e foi ele que me fez companhia no caminho até Greenwich Village, onde eu encontraria uma amiga.

Saí do metrô no centro da cidade em meio a uma multidão de nova-iorquinos e turistas — em um dia quente de junho — e segui em direção à Sugar Love Sweet Shop para encontrar Josie. E não me venham com esse papo de que homens e mulheres não podem ser amigos. Podem sim. E Josie e eu somos ótimos amigos. Mesmo que ela tenha os peitos mais fantásticos que este homem que vos fala já viu. E um corpo que é como uma escultura.

E eu, como amigo, posso apreciar a figura dela de forma empírica, com toda aquela curva e delicadeza. E isso não significa que eu queira me pendurar no lustre por causa dela ou mesmo transar com ela em cima da mesa depois do jantar.

Tudo bem, admito que eu não negaria uma bela trepada com a Josie, mas eu não permito que esse tipo de pensamento tome conta da minha cabeça. Mesmo quando eu a vejo maravilhosa com seu uniforme de trabalho: uma camiseta rosa bem decotada e um avental de bolinhas amarrado na cintura.

Quando ela me viu, acenou para me cumprimentar e fez sinal para que eu entrasse na confeitaria.

Ao entrar, minha boca salivava pelas guloseimas, nada além disso.



Capítulo 2

JOSIE CHACOALHOU UM PEIXINHO DE GOMA TIPO BALAS gummy na minha cara.

— Peguei hoje — disse ela, com um ar esnobe por conta da minúscula conquista em sua mão. — Estava fresquinho na prateleira da loja.

— Então não precisou pescar?

Ela balançou a cabeça e jogou de volta a bala de goma em forma de peixe dentro do saco plástico.

— Não. Ele sucumbiu ao poder do meu cartão de crédito. Foi fígado assim. — Ela disse estalando os dedos.

Estávamos no Abingdon Square Park, um pequeno e triangular pedacinho de verde na fronteira do Village. Esse é um dos poucos parques que parecem como uma ilha dentro de Manhattan, e nós decidimos nos acomodar num banco de madeira pintado de azul-marinho. Não estávamos longe da confeitaria onde ela tinha acabado de participar da aula na qual surgiu a ideia do sushi doce.

Ela tirou outra guloseima de um saquinho plástico e a colocou na palma da mão.

— Está pronto?

Abri minha boca.

— Pode botar, querida.

É, talvez tenha soado um pouco sacana.

Mas e daí? Eu não me importo com isso, nem a Josie, que, por acaso, é a irmã mais nova do meu melhor amigo, Wyatt. Ela me pediu para ser sua cobaia na noite de hoje. Seria algo como uma prova de iguarias, pelo que entendi. E aquela ela estava chamando de bala de peixe. Consistia em uma bala de goma vermelha envolta em marshmallow, enrolado com uma espécie de alga verde de frutas.

Momentos como esse me fazem lembrar que perspectiva é a chave da felicidade. Porque, cara, no fim das contas a minha vida podia ser bem pior. Estou ciente de que em breve vou acabar vivendo como um nômade, pulando de um sofá enrugado pra outro, mas, nesse momento, uma doçura está prestes a pousar na minha língua.

Na primeira mordida que dei no sushi doce já senti um carnaval de sabores deliciosos. Minhas sobrancelhas contraíram e eu acenei em sinal de aprovação, conforme eu terminava de mastigar. Adotei naquele instante um tom pretensioso de crítico de restaurante.

— A cremosidade e o sabor delicioso do marshmallow misturam-se maravilhosamente com a acidez da alga de frutas cítricas. E, para finalizar, a textura e o aroma da bala de goma mais queridinha de todos os tempos dão a esse doce uma qualificação de verdadeira obra de arte.

Josie é confeitadeira, mas não uma confeitadeira qualquer. Ela é uma *sobremeseira* de nível internacional. Nem sei se existe essa palavra, mas deveria existir a porra de um nome desses, só para designar a habilidade que essa mulher tem pra fazer as melhores sobremesas do mundo. Não há nenhum doce que ela não faça parecer que está havendo uma festa de sabores na sua boca. Deve ser por isso que a velha confeitaria dos pais dela, a Sunshine Bakery, tem feito um sucesso tão grande depois que Josie a assumiu.

Ela arregalou os olhos quando eu disse “obra de arte”.

— Sério? Você não está só falando por falar, não é?

Ao responder a essa pergunta, manteve a expressão impassível.

— Eu nunca minto sobre o sabor dos seus doces. Por exemplo, você se lembra da vez em que fez aqueles cookies de chocolate com o pior item da culinária mundial?

— Você ainda não consegue nem falar as palavras, não é mesmo?

Fechei os olhos, sentindo um arrepio involuntário descer pela minha espinha.

— Só estou tentando bloquear as... — respirei fundo, fechei os olhos e fiz força para jogar as palavras seguintes para fora — uvas-passas da minha memória.

Eu juro que ainda sentia um horror ao recordar o que ela havia feito com aqueles pobres e indefesos cookies.

— É sério. Como você pôde profanar algo tão maravilhoso quanto cookies de chocolate com umas... uvas ressecadas?

Ela apenas deu de ombros e disse:

— É assim que descobrimos o que funciona e o que não funciona na cozinha. Você precisa experimentar. Eu estava experimentando algo novo. Cookies com gotas de chocolate, coco e...

Toquei os lábios dela com a minha mão.

— Não repita essas palavras.

Recolhi a mão e, depois de revirar os olhos, ela só gesticulou “uvas-passas” com a boca. E eu estremei.

— Bom, independentemente disso, esses sushis são exatamente o oposto daquela coisa horrorosa. Eles estão perfeitos. Mas por que você ainda precisa frequentar aulas? Não é mais fácil apenas seguir sua intuição?

A resposta dela foi simples.

— Eu gosto de fazer aulas, e eu quero que os meus doces sejam os melhores possíveis. Além disso, a mulher que comanda aquela confeitaria faz as melhores guloseimas que eu já vi. Aquelas não são balas de goma comuns que se pode comprar em qualquer *bombonière*. São feitas à mão, baseadas em uma receita de família. E são maravilhosas, não achou? Por isso eu quis que me encontrasse logo que a aula terminasse. Para prová-las fresquinhas.

— Você vai servi-las frescas?

Ela fez que sim com a cabeça, toda animada, e abriu bem as mãos, fazendo o anel prateado em forma de coração em seu dedo indicador reluzir com o sol do fim de tarde.

— Meu plano é o seguinte: pensei em começar oferecendo uma nova guloseima especial e divertida a cada dia. Tipo, às segundas-feiras, sushi doce. Às terças eu faria cookies de gotas de chocolate com coco, menos o item que não deve ser nomeado.

Agora foi a minha vez de gesticular com a boca: “obrigado”.

— Às quartas, macaron de acerola, por exemplo. E assim eu poderia anunciar mais a loja nas redes sociais, como andam fazendo esses food

trucks. Seria como sugerir um encontro semanal com cada uma das guloseimas especiais da Sunshine Bakery.

— Essa ideia é brilhante. — Pigarreei, suspirei profundamente e coloquei uma mão sobre o braço dela. — Mas eu preciso revelar mais uma coisa para você. Ninguém gosta de acerola. Nem mesmo como sabor de macaron.

Os olhos verdes dela brilharam como se guardasse um segredo.

— Ah, mas você nunca experimentou o *meu* macaron de acerola. Eu faço um para você da próxima vez. É delicioso. Prometo — disse ela, levantando os braços para amarrar mais forte seu rabo de cavalo. O cabelo castanho-escuro de Josie tem umas mechas cor-de-rosa perto das pontas. Geralmente, cores diferentes nos cabelos não dizem nada para mim, mas no caso de Josie, funciona de um jeito diferente. Aquelas mechas combinam com a personalidade dela. Ela é inteligente e extrovertida. Amigável e feliz. Ela é exatamente o tipo de pessoa que pode tingir de rosa algumas mechas do cabelo e vender doces, cookies e bolos de mil-folhas numa simpática confeitaria em Upper West Side. Isso sem falar nos sushis de bala de goma.

Josie é um pacote completo: curvas harmônicas, sorriso convidativo, olhos acolhedores, cabelo engraçado e alto-astrol. Na verdade, é meio que surpreendente ela ter se tornado uma das minhas melhores amigas logo depois de termos nos conhecido, cerca de dez anos atrás. É basicamente impossível *não* gostar da Josie.

E eu nem mencionei a sua comissão de frente. Viu só como sou bem-comportado?

Depois do sushi, ela me deu mais duas guloseimas para experimentar, mas nenhuma me deixou muito empolgado. Falei isso para ela nas duas vezes e Josie apenas concordou e agradeceu a avaliação sincera. Enfiando a mão no saco plástico, ela tirou o que parecia ser um bolinho tipo Ana Maria com uma camada de marshmallow por cima, imitando um *niguiiri*.

— Experimente esse aqui — disse ela, entregando-me o falso *niguiiri*, ao mesmo tempo em que uma brisa balançou os galhos de uma árvore perto de nós.

Levantei uma sobrancelha, olhando com incerteza.

— Você não detesta esses bolinhos Ana Maria? — perguntei.

Ela piscou para mim e respondeu:

— Você não sabe? Tudo que tem gosto bom é ruim para você.

— E mesmo assim a gente finge que é bom para nós.

— Mas, na realidade, isso não é *exatamente* um bolinho Ana Maria — ela acrescentou, apontando para a guloseima.

— O que é então? É de uma prima bastarda da Ana Maria? Um bolinho Ana Faria? Um bolinho Ana Safadinha?

— É só um bolinho recheado mesmo — disse ela, rindo de mim. — E não é desses prontos, obviamente. Eu o preparei em casa e trouxe para a aula. Eu fiz minha própria versão de bolinho Ana Maria. Assim eles não ficam, você sabe, nojentos. Experimente para você ver como são bons — ela completou.

Eu dei uma mordida e fiquei chocado com o sabor.

— Caramba! Você precisa vender esse negócio!

— Fico feliz que tenha gostado — disse Josie, com um sorriso. — E agora você cumpriu adequadamente com suas diligências como meu provedor exclusivo. Você faz ideia de como foi terrível para mim enquanto estive na África?

— Mal posso imaginar o inferno que deve ter sido ficar sem a minha presença por perto — eu respondi.

Eu havia ficado um ano junto dos Médicos Sem Fronteiras, passando uma temporada na República da África Central para ajudar as pessoas que mais sofriam por conta do conflito armado e da instabilidade no país. Foi um dos desafios mais difíceis que já enfrentei, mas ao mesmo tempo um dos períodos mais gratificantes da minha vida. Essa experiência certamente me tornou um médico melhor; e também acredito que uma pessoa mais consciente e humana.

No entanto, foi muito difícil não fazer parte das provas de guloseimas da Josie por todo esse tempo.

— Foi complicado, Chase — disse ela, com um olhar sério para me provocar. — Dia após dia eu achava que não iria aguentar.

— Aliás, falando em dias complicados, hoje mais cedo apareceu uma figura lá no ps. — Eu sabia que Josie adorava os meus contos do PS. Seus olhos arregalaram-se interessados, e ela esfregou as mãos como se dissesse “conte, conte”. — Ele estava testando a integridade estrutural de um lustre... — e contei a ela toda a aventura do Aquaman.

Ela se encolheu e começou a rir.

— Bem, isso chega a superar a maluquice da minha manhã.

Espremi os olhos e perguntei:

— Não me diga que você tentou ficar mais íntima de uma bateadeira?

— Há! Não. Na semana passada comecei a procurar alguém para dividir comigo um apartamento, já que a Natalie se mudou de lá.

— Ah, é mesmo? — Natalie era a antiga colega de apartamento de Josie e namorada de Wyatt. E, como eu havia acabado de descobrir, ela se mudou recentemente para o apartamento do meu melhor amigo.

— E agora eu estou com essa dor de cabeça. Hoje de manhã uma mulher que respondeu ao meu anúncio foi lá para conhecer o apê e queria saber mais sobre, nas palavras dela, as minhas “horas de silêncio”. Tipo, a partir de que horas todas as luzes da casa têm de estar apagadas. — Josie virou-se para mim com um olhar que dizia que aquela era a ideia mais louca do mundo.

— E você informou a ela sobre o toque de recolher no Cafófo da Josie?

— Nove da noite. Em ponto — disse ela endireitando a coluna e fazendo graça. — Eu só não contei que depois das nove é quando eu enlouqueço e assisto séries obscenas no volume máximo.

— Como se tivesse outro jeito de assisti-las.

Ela deu um tapa na minha perna.

— Bem, mas na realidade, essa moça nem se compara à louca que queria saber se o meu prédio permitia que o morador tivesse cobras de estimação.

— Caramba! — exclamei, encolhendo-me todo. Eu aguento tranquilamente ver sangue, tripas para fora e todos os tipos de objetos estranhos nos lugares mais exóticos que se pode imaginar, mas animais que rastejam em casa? Não. Isso não dá!

Ela estremeceu.

— Juro que só o que tenho feito nos últimos dias é procurar por uma colega de apartamento decente. Mas o desfile de malucas começou assim que comecei a anunciar que buscava uma colega de apartamento, solteira, entre 20 e 30 anos. Outra louca que foi lá visitar queria saber se eu cozinhava à noite. Ela disse que “embora meu apartamento tivesse um cheiro absolutamente divino”, ela precisava ter certeza de que suas narinas não seriam atacadas pelo aroma de bolo após as oito da noite. Ela disse que cheiro de comida pouco antes de sono pode ser tão incômodo como cheiro de cola de sapateiro.

— Eu jamais me incomodaria com isso.

— Se morássemos juntos, você poderia ser o provador oficial de todas as minhas experiências gastronômicas.

— Eu iria era virar um balão — disse eu, estufando as bochechas e fazendo um arco em volta do estômago.

— Duvido — disse ela, dando um tapinha rápido na minha barriga. De tanto que eu frequento a academia, ela é mais dura que uma prancha. Além disso, eu caminho e pedalo pela cidade inteira. Gosto de estar em atividade. Minha mãe dizia, quando eu era criança, que eu era uma máquina de movimento perpétuo. Ela também dizia que eu era hiperativo, sempre ligado no 220V. Mas é por isso que a medicina combina tanto comigo, e foi pelo mesmo motivo que escolhi seguir a carreira no pronto-atendimento. Fico sempre alerta, sempre em atividade e em movimento. É um constante desafio mental e físico.

— Ah, se você fosse uma garota — suspirou Josie, desapontada. — Você seria a colega de apartamento ideal para mim.

— Se eu fosse uma garota, eu ficaria brincando com meus peitos o dia inteiro.

— Não ficaria, nada.

— Ficaria, sim. — Balancei as mãos na frente do meu peito para imitar minha possível atividade caso eu fosse uma mulher.

— Deixe de ser ridículo — disse ela, dando um tapa no meu braço. — Mas chega de falar sobre mim. Você deve ter boas notícias. Conseguiu fechar aquele apartamento em Chelsea? — Ela torceu os dedos indicador e médio, fazendo uma figa. Josie sabia que eu estava, há algum tempo, à caça de uma quitinete decente ou um apartamento de um quarto. Algo para chamar de meu, sem ninguém para me incomodar no fim — ou no início — do dia.

Passei uma mão pelo cabelo.

— Não. E digamos que havia algumas condições inerentes à última oferta que me fizeram perceber que preciso começar minha busca do zero. Basicamente, a corretora que me acompanhou no último mês queria me colocar no meio de um *ménage à trois*.

O queixo dela caiu.

— É sério?

Eu confirmei com a cabeça.

— Sim, é sério. Tenho certeza de que foi uma oferta legítima, uma vez que ela me disse que também faz um ótimo ceviche. Tipo, por qual outro motivo alguém mencionaria uma coisa dessas? Claramente, ela estava usando este truque para me convencer.

Josie franziu a testa sem entender.

— Não captei a mensagem. Ceviche tem alguma coisa a ver com *ménages à trois*?

Eu ri e balancei a cabeça.

— Não. Na verdade, não faço ideia porque não é a minha praia. Só sei que ela falou tão naturalmente, tanto sobre o *ménage* quanto sobre o ceviche. E foi por isso que eu saquei que ela estava falando *bem sério*.

Josie levantou as mãos em rendição.

— Ok, você venceu. Essa é mais maluca do que a mulher do toque de recolher, a mulher das cobras e a mulher que pediu para não cozinhar depois das oito. Mais maluca que todas as minhas candidatas a colegas de apartamento juntas.

— Nem me fale. Essa história de pular de galho em galho, de corretora em corretora, está acabando comigo — eu disse com um suspiro.

Quando voltei aos Estados Unidos há alguns meses, fiquei um tempo na casa do meu irmão. Mas ele mora bem no centro e eu trabalho no extremo norte da cidade. Além do mais, não gosto da ideia de me acomodar na casa dele pro resto da vida.

— Parece que alguém me rogou uma praga para que eu nunca encontre um lugar decente para alugar. E, no seu caso, foi uma praga para não encontrar...

— Uma colega de apartamento decente. — A voz dela se perdeu enquanto olhava para mim, ou melhor, enquanto ela me encarava profundamente. E ao mesmo tempo em que ela parecia me analisar, a resposta subitamente veio à tona. A ficha caiu na mesma hora para nós dois. Pude ver no brilho dos olhos dela. E tenho certeza de que ela também viu nos meus.

— Por que não pensamos nisso antes? — ela perguntou lentamente, como se me convidasse para preencher algumas lacunas.

Eu gesticulei apontando para ela e depois para mim.

— Você quer dizer o fato de que eu posso resolver seu problema na busca de uma colega de apartamento e você pode resolver minha situação de sem-teto?

Ela fez que sim com a cabeça várias vezes seguidas.

— Só porque eu estava, inicialmente, procurando uma colega de apartamento mulher não significa que...

— Que um colega de apartamento homem não possa funcionar? — completei, e uma explosão de esperança brotou em mim. Essa poderia ser a resposta. Puta merda. Essa poderia ser a porra da resposta, e eu não teria que vender o baço, um rim ou ainda ter de aderir a uma relação poliamorosa.

Ela engoliu em seco. Parecia nervosa.

— Acha que seria esquisito? Tipo, eu sei que você queria um lugar só para você.

Balancei a cabeça com firmeza.

— A essa altura do campeonato, Josie, eu só quero um lugar *para dormir*. Você está me convidando de verdade? — perguntei, pois talvez eu não estivesse entendendo direito aquela conversa. Mas as coisas pareciam estar bem claras.

Ela levantou uma mão, como que imitando o lado de uma balança, pesando a situação.

— Eu preciso de alguém para dividir o apartamento. Eu não encontrei ninguém que não fosse doido. — Então levantou a outra mão. — Você precisa de um apartamento para morar e não encontrou nenhum lugar que não fosse amaldiçoado. — Ela juntou as mãos e as esfregou. — E não podemos deixar de considerar o fato de que nos damos muito bem, sempre foi assim.

Concordei vigorosamente com a cabeça.

— Sim, nossa amizade é digna de capa de revista.

— Pois é, será que existe nesse planeta um cara e uma garota que são tão amigos quanto nós dois?

Dei um soco no ar.

— Nem ferrando. Nunca na história do mundo.

— Além do mais, você gosta do que eu cozinho e eu gosto da sua habilidade de não monopolizar o espelho do banheiro por uma hora.

— Entro e saio em menos de cinco minutos. Aqui é beleza natural, querida.

Ela me cutucou com o cotovelo.

— Outra coisa boa é que nós dois teríamos nosso espaço. Já que eu saio bem cedo para o trabalho, nós não ficaríamos um em cima do outro no apartamento.

Meu pau ficou duro nesse exato momento, não que eu tivesse tesão por ela, mas por favor, né? A simples imagem daquele corpo maravilhoso de Josie *em cima de mim*... Eu não tinha como evitar uma ereção. E, pensando bem, se isso não acontecesse, eu precisaria urgentemente fazer um teste de disfunção erétil.

— Nós só ficaríamos um em cima do outro durante alguns segundos por dia — eu respondi, só de sacanagem, porque aquela frase tinha sido boa demais para ser ignorada. Então, para promover um pouco mais a minha imagem de bom colega de aluguel, eu acrescentei: — Também sou

incrivelmente bom em alcançar objetos em prateleiras altas, abrir garrafas de champanhe, recolher o lixo e muitas outras tarefas que você não vai querer desperdiçar. Sem falar que posso dar pontos em cortes acidentais e até mesmo ressuscitar corações.

Ela tateou os lábios com o dedo.

— Até que você parece útil. E, aliás, eu tenho pelo menos uma dúzia de garrafas de champanhe à espera de serem abertas por você.

Cerrei o punho em comemoração.

— Isso significa que você vai tirar o anúncio para colega de apartamento? Tipo, agora?

Ela pegou o telefone e retirou o anúncio do jornal. Simples assim.

TAMBÉM DE LAUREN BLAKELY:

Ele tem todos os talentos.

Algumas vezes,
tamanho é
documento.



“A MAIORIA DOS HOMENS NÃO ENTENDE AS MULHERES.”

Spencer Holiday sabe disso. E ele também sabe do que as mulheres gostam.

E não pense você que se trata só mais um playboy conquistador. Tá, ok, ele é um playboy conquistador, mas ele não sacaneia as mulheres, apenas dá aquilo que elas querem, sem mentiras, sem criar falsas expectativas. “A vida é assim, sempre como uma troca, certo?”

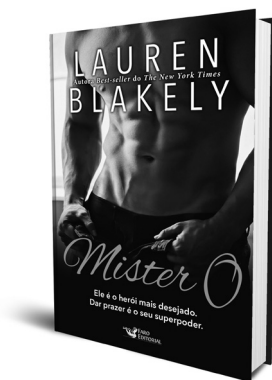
Quer dizer, a vida ERA assim.

Agora que seu pai está envolvido na venda multimilionária dos negócios da família, ele tem de mudar. Spencer precisa largar sua vida de playboy e mulherengo e parecer um empresário de sucesso, recatado, de boa família, sem um passado – ou um presente – comprometedor... pelo menos durante esse processo.

Tentando agradar o futuro comprador da rede de joalherias da família, o antiquado sr. Offerman, ele fala demais e acaba se envolvendo numa confusão. E agora a sua sócia terá que fingir ser sua noiva, até que esse contrato seja assinado. O problema é que ele nunca olhou para Charlotte dessa maneira – e talvez por isso eles sejam os melhores amigos e sócios. Nunca tinha olhado... até agora.

Este livro é o mais divertido que li nos últimos anos. Spencer é um herói perfeito: macho alfa com dez tons de charme, muitos centímetros de prazer e o oposto de um cretino. Cada página me fazia sorrir e, no momento em que fechava o livro, era o meu marido quem estava a ponto de sorrir também.

CD REISS – autora da Submission Series



Mister O

Muito prazer! Pode me chamar de Mister Orgasmo.

Enlouquecer uma mulher na cama é a minha diversão. Se um homem não é capaz disso, ele deve sair de cena. Eu estou falando de prazer de verdade, daquele êxtase de tirar qualquer pessoa do prumo, que esvazia a mente e produz uma experiência única. Oferecer isso é o meu dom.

De fato, viciiei-me nesse tipo de generosidade, mas cheguem mais perto. Vocês descobrirão um homem com um exterior excitante, um trabalho sedutor, um humor afiado e um coração de ouro. Sim, a vida pode ser boa...

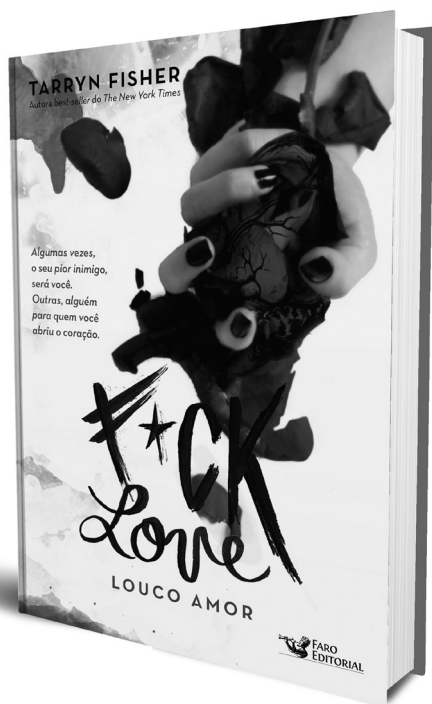
Então, algo inesperado acontece: a irmã do meu melhor amigo, uma mulher que sempre desejei em segredo, me pede para ensinar a ela como conquistar um homem. Pensei em negar, mas seria muito difícil não ceder à tentação diante dessa garota, especialmente depois de descobrir que a doce e sexy Harper tem uma mente tão safada quanto a minha. O que pode dar errado? Serão apenas algumas aulas de sedução... Ninguém ficará sabendo de umas poucas mensagens picantes pelo telefone. Tudo bem, algumas centenas. Mas espero que ela não fique me provocando em público. Se o zíper do seu vestido emperrar ou ela me lançar aquele olhar safado no meio de uma reunião com toda a sua família, posso não resistir.

O problema é que quanto mais noites eu passo com ela na cama, mais começo a desejar passar todos os dias ao seu lado. E, pela primeira vez na vida, não estou pensando apenas em como fazer uma mulher gemer de prazer. O que pretendo é descobrir como mantê-la a meu lado por muito tempo.

Pra mim, agora é que as verdadeiras aventuras de Mister O vão começar...

Nick Hammer

LEIA TAMBÉM O ROMANCE DE
TARRYN FISHER



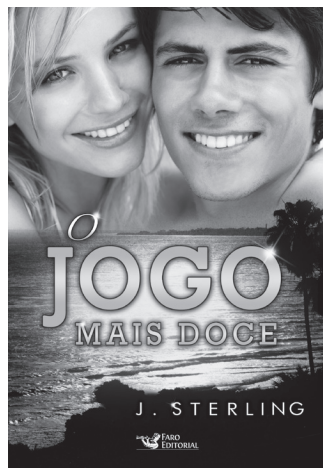
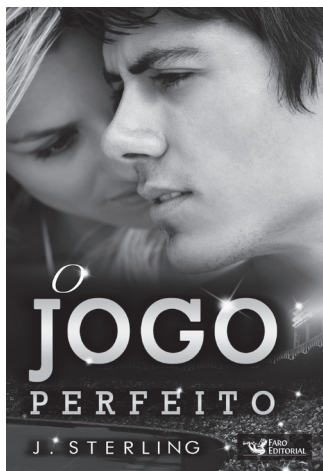
F*CK
Love
LOUCO AMOR

*Algumas vezes, o seu pior inimigo,
será você.*

*Outras, alguém para quem você abriu
o coração.*

Você pode pensar que já viu histórias parecidas, mas nunca tão genuínas como essa. Tarryn, a escritora apaixonada por personagens reais, heroínas imperfeitas, mais uma vez entrega algo forte, pulsante, que nos faz sofrer mas também nos vicia. Depois dela, todas as outras histórias começam a parecer como contos de fadas.

THE GAME SERIES, de J. Sterling



A VIDA ÀS VEZES FICA TRISTE ANTES DE SE TORNAR MARAVILHOSA...

Ele é o tipo de jogo que ela nunca pensou em jogar.
Ela é a virada no jogo que ele nunca soube que precisava.

O jogo perfeito conta a história de dois jovens universitários, Cassie Andrews e Jack Carter.

Quando Cassie percebe o olhar sedutor e insistente de Jack, o astro do beisebol em ascensão, ela sente o perigo e decide manter distância dele e de sua atitude arrogante.

Mas Jack tem outras coisas em mente...

Acostumado a ser disputado pelas mulheres, faz tudo para conseguir ao menos um encontro com Cass.

Porém, todas as suas investidas são tratadas com frieza.

Ambos passaram por muitos desgostos, viviam prevenidos, cheios de desconfianças antes de encontrar um ao outro, (e encontrar a si mesmos) nesta jornada afetiva que envolve amor e perdão. Eles criam uma conexão tão intensa que não vai apenas partir o seu coração, mas restaurá-lo, tornando-o inteiro novamente.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



FARO EDITORIAL

ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA
SERMOGRAF EM MAIO DE 2018